



# Corporate

magazine



## **JUSTIÇA:**

Direito das Crianças

## **MULHERES**

### **INSPIRADORAS:**

Talento e engenho

## **ENERGIAS**

### **RENOVÁVEIS:**

Pura Energia

**“Não há decisão judicial que devolva o que foi perdido”**

**Claudete Teixeira - Advogada**



IMMIGRATION & INVESTMENTS



**Tlm.:** +351 925 102 022 • **E-mail:** [sandra.jfernandes@sjf.pt](mailto:sandra.jfernandes@sjf.pt)  
<https://www.sjf.pt/sandra-jardim-fernandes>

**Lisboa**

Av. D. João II, n.º 17. 2.º Piso, Serv. 3  
Parque das Nações  
1990-078 Lisboa

**Madeira**

Rua da Queimada de Cima,  
n.º 28, 2.º L  
9000-065 Funchal

## EDITORIAL

As generalizações são quase sempre injustas, diluem a individualidade e criam uma narrativa fácil em assuntos cuja complexidade obriga a que se estruture o pensamento por camadas. É uma das razões pelas quais nunca gostei da repetição exaustiva e descontextualizada da ideia de que o melhor do mundo são as crianças. Porque quem a utiliza por tudo e por nada raramente está a aceitar a dimensão maior de ser criança, a de ter uma liberdade que inclui o erro, o excesso, o tempo desperdiçado sem culpa.

Ficar pela literalidade da frase é esquecer que há crianças que sofrem às mãos de outras crianças, que a crueldade infantil pode ser perversa, e que os comportamentos em manada se aprendem cedo. Mas também não devemos ser cínicos ao ponto de esquecer as crianças que nos desarmam com uma bondade sem cálculo, com perguntas que desmontam a seriedade artificial dos “grandes”, com uma capacidade quase instintiva de ver aquilo que os adultos já treinaram para disfarçar. A infância é um território inteiro e absolutamente decisivo, com imaginação, medo, ternura, violência e espanto.

E não há nada mais decisivo nessa infância do que o amor incondicional recebido. Ou a falta dele. Só depois vem tudo o resto. Essa memória de liberdade, os grandes amigos com pouco mais em comum connosco do que a rua, a bola, os Legos e os brinquedos espalhados no chão, o Spectrum e a Nintendo, a ternura e a paciência imensa dos animais. E as viagens intermináveis de carro no banco de trás, sem cinto, ou as muitas quedas de bicicleta, sem capacete.

Importa separar a infância da infantilidade. Ser criança é poder falhar sem que tudo se transforme numa sentença sobre o carácter e o futuro. É poder exagerar, testar limites, querer tudo à mesma hora, cair e levantar, insistir, mudar de ideia três vezes no mesmo minuto. É também aí que se vê, muitas vezes cedo demais, o funcionamento real do mundo. As hierarquias, as injustiças, os ridículos sociais, a crueldade miúda, a hipocrisia, a fome de reconhecimento. Uma criança pode não ter linguagem para tudo isso, mas vê. E o que vê fica.

A infantilidade, essa, pode sobreviver muito para lá da idade em que devia ter esmorecido. Vê-se em adultos que nunca aprenderam a perder, a ceder, a ouvir, a colocar-se no lugar do outro. Vê-se em quem exige aos outros, tantas vezes às próprias crianças, que carreguem aquilo que não soube resolver dentro de si.

Uma infância feliz não desaparece quando crescemos. Fica na forma como ainda reconhecemos a alegria “inútil”, a liberdade de um gesto sem consequência, a graça de uma pergunta absurda. O que me comove, numa criança como num adulto, nunca foi a idade em si. É a fragilidade, tantas vezes mais visível nos extremos da vida. E é sobretudo o afeto sincero, a bondade, a inteligência honesta.

## ÍNDICE

	<b>JUSTIÇA: DIREITO DAS CRIANÇAS</b>
<b>4</b>	CLAUDETE TEIXEIRA
	<b>MULHERES INSPIRADORAS NA ENGENHARIA</b>
<b>9</b>	O LEGADO DE MARIA AMÉLIA CHAVES
<b>10</b>	TERESA PONCE DE LEÃO
	<b>MULHERES INSPIRADORAS</b>
<b>14</b>	RUTE FERREIRA
<b>16</b>	SANDRA JARDIM FERNANDES
<b>18</b>	SÓNIA MELO
<b>20</b>	ALEXANDRA DIAS
	<b>TURISMO</b>
<b>22</b>	FÉRIAS DE VERÃO EM PORTUGAL
	<b>ENERGIAS RENOVÁVEIS</b>
<b>24</b>	HUACA ENERGY
	<b>CULTURA</b>
<b>26</b>	O LIVRO DOS PRÓLOGOS

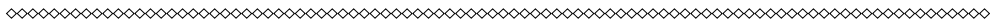
### FICHA TÉCNICA

**Propriedade** Litográfis – Artes Gráficas, Lda. **Sede/Editor** Litográfis Park, Pavilhão A, Vale Paraíso 8200-567 Albufeira NIF 502 044 403 **Conselho de Administração** Sérgio Pimenta **Participações sociais** Fátima Miranda; Diana Pimenta; Luana Pimenta (+5%) **Assessora de Administração** Carla Rodrigues **Diretor** João Malainho **Gestores de Comunicação** Goretí Vieira; Vítor Santos; Aby Rodrigues; Ricardo Pastor **Diretor Editorial** João Malainho **Redação** Ruben Marques; Vitória Girão **Designer Gráfico** Departamento Criativo Litográfis **Redação e Publicidade** Rua Professora Angélica Rodrigues, nº. 17, sala 7, 4405-269 Vilar do Paraíso | Vila Nova de Gaia **E-mail** geral@incorporateagency.pt **Site** www.incorporatemagazine.pt **Periodicidade** Mensal **Tiragem** 17.000 exemplares **Estatuto Editorial** Disponível em www.incorporatemagazine.pt **Impressão** Litográfis – Artes Gráficas, Lda. **Depósito Legal** 455204/19 N.º. **Registo ERC** 127355 JUNHO 2026

xx

A close-up portrait of a woman with long, wavy blonde hair. She is wearing a bright red, textured jacket with gold buttons. She has a subtle smile and is looking directly at the camera. The background is dark. A white border surrounds the image.

**“O direito a simplesmente  
ser criança”**



Nos processos de família, o Direito chega muitas vezes depois de o conflito já ter entrado na vida das crianças. Claudete Teixeira conhece bem esse território onde pais em rutura invocam o superior interesse dos filhos enquanto, tantas vezes, os transformam em extensão da sua dor, da sua raiva ou da sua necessidade de ter razão. A advogada, com trabalho reconhecido na área do Direito da Família e das Crianças, fala-nos da dificuldade de escutar uma criança sem a colocar no centro da disputa, dos limites dos tribunais perante a parentalidade destrutiva, dos riscos das redes sociais e da inteligência artificial, e da urgência de perceber que cada mês vivido em instabilidade é um tempo que a infância não recupera.



**A expressão “superior interesse da criança” atravessa a legislação em matéria de Direito da Família, das Crianças e dos Jovens. Mas, em processos de conflito parental, é frequente cada progenitor invocá-la para defender posições opostas. Na prática, como é que um advogado e um tribunal distinguem o verdadeiro interesse da criança da narrativa construída por cada adulto?** Dar à luz uma criança, ser pai ou ser mãe, devia ter implícita sempre duas capacidades — a de a priorizar, de lhe dar o melhor de nós todos os dias, e também a de saber abrir mão dela. No sentido de perceber que ela não nos pertence. Que é um ser com a sua própria vida, os seus próprios sentimentos e os seus próprios direitos. Quando um progenitor olha para o filho como uma extensão de si mesmo, quando existe essa dependência emocional, e por vezes até uma inversão de papéis em que a criança é que toma conta dos sentimentos do adulto, é muito difícil para esse pai ou mãe

ser objetivo. É muito difícil perceber que o interesse do filho não é necessariamente o seu próprio interesse. Para quem olha de fora, com distanciamento, o advogado ou o magistrado, essa distinção é mais fácil de fazer. Mas não é automática: exige escuta, exige conhecimento desta área e, muitas vezes, exige o contributo de outros profissionais, como psicólogos ou técnicos de serviço social.

**A criança tem direito a ser ouvida nos processos que a envolvem. Mas aquilo que diz pode ser motivado por medo, pressão, lealdade a um dos pais ou pela necessidade de proteger alguém. Que cuidados são essenciais para perceber o que a criança sente, e não apenas o que consegue dizer naquele momento?**

Esta é uma realidade que surge em muitos processos e que me preocupa genuinamente. O problema é que os tribunais e as equipas técnicas trabalham frequentemente sob forte pressão e com recursos limitados, o que nem sempre permite aprofundar todas as dinâmicas familiares com a atenção que seria desejável para, naquele momento, perceber se o que a criança diz é espontâneo ou é o resultado de pressão, medo ou lealdade — a não ser que os sinais sejam muito flagrantes. E a opinião da criança, ainda que não seja ela a decidir, é sempre tida em conta e pode ser determinante. Isso cria um risco real em situações de manipulação. A criança pode acabar entregue não ao progenitor que melhor salvaguardaria os seus interesses, mas sim àquele que a instrumentalizou para punir o outro. É uma situação preocupante.

**Há situações em que a audição da criança pode ser decisiva, mas também há o risco de a colocar no centro de uma guerra que não escolheu. Como se protege uma criança desse peso?**

A verdade é que em processos litigiosos a criança está sempre numa guerra que não escolheu, e isso vai sempre deixar marcas no seu equilíbrio emocional. Podemos usar todos os mecanismos e toda a sabedoria de que os profissionais dispõem, mas a verdadeira proteção só pode ser dada pelos pais. Se no dia a dia um pai fala mal do outro à frente dos filhos, revira os olhos ao ouvir o nome do ex-cônjuge, mostra desagrado pelos momentos felizes que a criança viveu com o outro, mesmo que de forma subtil, está a destruir o equilíbrio emocional daquele filho. Não é preciso gritar. Às vezes basta um olhar. As crianças percebem tudo, e sentem tudo.

**Nos processos de promoção e proteção, o tempo judicial e administrativo nem sempre acompanha o tempo da infância. Quando uma decisão se arrasta durante anos, a criança cresce entretanto. O que se pode perder nesse intervalo?**

A infância. É simples e é brutal. A criança pode perder a sua infância, a inocência a que tinha direito, o direito a simplesmente ser criança. Ou perder o direito a ter uma família, na verdadeira e melhor aceção da palavra. E quando isso acontece não há decisão judicial que devolva o que foi perdido. O tempo das crianças não é o tempo dos adultos — já disse isto noutras ocasiões e é preciso relembramo-nos disto sempre. Cada mês que passa numa situação de instabilidade ou sofrimento é um mês que não volta.

**Quando um dos pais leva uma criança para outro país sem acordo do outro progenitor, o conflito familiar passa a ter uma dimensão internacional. O que acontece nesses casos e que dificuldades surgem quando se tenta trazer a criança de volta através da Convenção de Haia?**

A subtração internacional de crianças é um dos cenários mais angustiantes com que um advogado desta área se pode deparar. O progenitor que fica vê o tempo passar sem acesso ao filho, muitas vezes sem saber sequer em que condições ele está. A Convenção de Haia de 1980 existe precisamente para garantir o regresso célere da criança ao país de residência habitual, mas na prática as dificuldades são enormes. Dependemos da cooperação do país onde a criança se encontra, da celeridade das autoridades centrais envolvidas, e muitas vezes de sistemas judiciais com culturas jurídicas muito diferentes da nossa. Há casos que se arrastam anos. E nesse tempo a criança cria raízes no novo país, aprende outra língua, estabelece laços — o que depois é usado como argumento para não a devolver. É um tema que exige intervenção imediata e uma rede internacional efetivamente funcional.

**Muitos pais expõem os filhos nas redes sociais desde muito cedo, por vezes até como arma contra o outro progenitor. Estamos perante direitos da criança que ela própria ainda não tem idade para reclamar. O Direito português já consegue responder de forma eficaz a esta exposição?**

Esta é uma das novas formas de conflito parental e é também muito perturbadora. As crianças são expostas antes de terem sequer consciência do que é a internet, antes de poderem consentir, e por vezes essa exposição é deliberadamente usada para denegrir o outro progenitor aos olhos do mundo. Existem situações particularmente preocupantes em que os pais expõem os filhos em situações humilhantes para as próprias crianças apenas para, com isso, denegrir a imagem do outro. É incompreensível o que as pessoas fazem aos filhos, como se estes fossem coisas e mostrando uma grande falta de empatia para com o próprio filho. O Direito português ainda está a tentar acompanhar esta realidade. Temos o Regulamento Geral de Proteção de Dados, temos disposições gerais sobre direitos de personalidade, mas falta uma resposta específica, ágil e efetiva para estas situações. A verdade é que quando a imagem está publicada, o dano já está feito. A lei pode reagir, mas raramente consegue prevenir. O meu conselho é que os pais definam este tema em sede de acordo de regulação do exercício das responsabilidades parentais como sendo uma questão de particular importância que depende do consentimento de ambos.

**A parentalidade destrutiva nem sempre deixa marcas físicas. Pode surgir na manipulação emocional, na desvalorização**



**do outro progenitor, na instrumentalização da criança. Que resposta jurídica existe para estes casos e onde continuam as maiores dificuldades de prova?**

A parentalidade destrutiva que não deixa marcas visíveis é das situações mais difíceis de tratar juridicamente, exatamente porque é difícil de provar. Quando um progenitor manipula emocionalmente a criança, desvaloriza sistematicamente o outro, a instrumentaliza, isso não aparece numa fotografia nem num relatório médico. Existe o conceito de alienação parental, que é reconhecido e que pode levar à alteração da regulação do exercício das responsabilidades parentais, mas a prova é complexa e morosa. Exige relatórios periciais, acompanhamento técnico, e um tribunal disponível para olhar além do óbvio. O que nem sempre acontece. E, entretanto, um filho perdeu o direito a ter o seu pai ou a sua mãe.

**Pode o Direito obrigar um progenitor a fazer acompanhamento psicológico ou a frequentar programas de capacitação parental? E, quando pode, isso é realmente eficaz ou chega tarde demais?**

Nos processos de promoção e proteção é possível impor essa obrigação. Mas eficaz? Só o é quando existe da parte do progenitor uma predisposição real para mudar, uma capacidade de se questionar e de colocar os filhos acima do seu próprio orgulho. Quando essa predisposição não existe, o acompanhamento psicológico obrigatório torna-se uma formalidade - a pessoa vai às sessões, faz o que é pedido para cumprir o processo, e depois sai e continua igual. Não há lei que mude quem não quer, ou não consegue, mudar. É uma das limitações mais dolorosas desta área.

**A inteligência artificial trouxe novos riscos para as crianças, da criação de imagens abusivas à falsificação de identidade digital e à circulação de conteúdos que a lei ainda tem dificuldade em enquadrar. Como se prepara uma advogada desta área para problemas que evoluem mais depressa do que a legislação?**

É um tema que me preocupa e para o qual tenho de me manter permanentemente atualizada - como, aliás, tenho de fazer em toda a minha atividade. A criação de imagens abusivas através de IA, a falsificação de identidade digital, a circulação de conteúdos que a lei ainda não sabe enquadrar, tudo isto coloca as crianças perante riscos que há dez anos eram inimagináveis. A legislação europeia está a tentar avançar, mas a velocidade da tecnologia é muito superior à velocidade do legislador. O que fazemos, enquanto advogados, é trabalhar com as ferramentas que existem, recorrendo às normas de proteção de dados, ao direito penal, ao direito civil, e ao mesmo tempo acompanhar de perto a evolução legislativa. Mas é uma corrida em que partimos sempre atrás.

**Ao longo dos anos, o que mudou na sua forma de olhar para estes processos, não apenas tecnicamente, mas na forma como entra numa sala onde há pais em conflito e crianças no meio?**

O que eu sinto é que os pais tendem a acreditar que o tribunal lhes irá resolver o conflito e a vida, que valide as suas razões, que dê razão ao seu sofrimento. E os tribunais não estão lá para isso, nem conseguem fazer isso. O tribunal resolve questões

concretas que lhe são colocadas, naquele momento. Eu costumo dizer que o tribunal emoldura o quadro que nós lhe levamos. No máximo ajuda a pintá-lo. Mas depois emoldura e termina a sua tarefa. A vida depois continua, o dia a dia é difícil, e se os pais não tiverem a capacidade de perdoar, de compreender, de se entretajar - se quiserem usar a parentalidade como forma de infernizar o outro - não há tribunal que ajude. Mesmo que passem anos em tribunal a discutir todas as vírgulas. O que mudou em mim ao longo dos anos foi ter passado a acreditar ainda mais no papel do advogado e, em particular, no papel do advogado enquanto facilitador de entendimentos e agente de mudança nestes processos. O advogado está mais próximo das famílias e consegue acompanhar precisamente esse quotidiano onde os conflitos surgem e se perpetuam. Mas, para isso, é fundamental que seja verdadeiramente conhecedor da área da família, que tenha a capacidade de dizer ao seu cliente que está errado, quando está errado, e que privilegie a construção de soluções em vez do agravamento dos conflitos. Como costumava dizer o juiz Joaquim Silva: “Não se contrata uma empresa de demolição quando se quer construir uma casa.” Nestes processos é sempre preciso construir e arrumar a casa destas crianças.

**Se pudesse alterar amanhã uma dimensão da legislação portuguesa sobre Direito das Crianças, aquela que teria impacto mais imediato na vida concreta, qual seria?**

Tornaria obrigatório o acompanhamento psicológico para os pais, na vertente da terapia parental, sempre que existisse uma separação com filhos envolvidos. Sempre. Não como sanção, não como medida de último recurso — como ponto de partida. Porque ninguém nos ensina a ser pais, e muito menos nos ensina a continuar a ser pai e mãe quando a relação entre o casal acabou. Se existisse esse apoio desde o início, tenho a convicção de que muitos dos conflitos que chegam aos tribunais nunca lá chegariam. E muitas crianças cresceriam de outra forma. É verdade que muitos pais não estão predispostos para a mudança, mas muitos mais estão - e muitas vezes os erros que cometem decorrem do desconhecimento ou de alguma falta de maturidade. Com ajuda e com mais ferramentas, mudam comportamentos. Embora fosse necessário dotar o serviço público de recursos para dar essa resposta.

As crianças não precisam de pais perfeitos. Precisam de pais capazes de colocar os interesses dos filhos acima dos próprios conflitos. Recordo-me de uma situação em que uma mãe tinha bilhetes para levar o filho, pela primeira vez, ao circo. Para que isso fosse possível, necessitava que o pai aceitasse uma alteração no horário da entrega da criança. O pai recusou. A mãe acabou por entregar-lhe os bilhetes para que fosse ele a levar o filho ao circo. O mais importante para aquela mãe não era ser ela a viver aquele momento. O mais importante era que o filho pudesse vivê-lo. Talvez seja esta a melhor definição de superior interesse da criança: a capacidade de um pai ou de uma mãe colocar a felicidade do filho acima da sua própria vontade. 🇵🇹



# A infância como responsabilidade pública


Celebrado em Portugal a 1 de junho, o Dia Mundial da Criança regressa todos os anos envolvido em festas, escolas abertas, desenhos, jogos e palavras doces. Tudo isso tem lugar. Mas a data existe também para lembrar que uma criança não é apenas alguém a proteger por afeto, por instinto ou por bondade. É uma pessoa com direitos próprios, voz própria e uma vulnerabilidade que obriga famílias, escolas, tribunais, instituições e comunidades a uma atenção concreta.

A infância costuma ser vista como tempo de começo. Mas esse começo não acontece em abstrato. Acontece numa casa, numa sala de aula, numa consulta, numa separação difícil, numa decisão judicial, numa conversa que ninguém ouve, num silêncio que se prolonga demasiado. Falar dos direitos das crianças é entrar nesse território onde a lei, a educação, a saúde, a família e a proteção social se encontram. Nem sempre de forma simples. Quase nunca sem tensão.

A Convenção sobre os Direitos da Criança, adotada pelas Nações Unidas em 1989 e em vigor desde 1990, consolidou uma mudança essencial. A criança passou a ser reconhecida como sujeito de direitos, e não apenas como destinatária de proteção decidida pelos adultos. Esse enquadramento continua a ser uma das bases internacionais mais importantes nesta matéria, ao afirmar direitos ligados à sobrevivência, ao desenvolvimento, à proteção e à participação.

Essa ideia continua atual porque, na prática, a infância permanece dependente da qualidade das decisões dos adultos. Depende da capacidade de escuta de quem educa, da serenidade de quem julga, da preparação de quem acompanha, da rapidez de quem sinaliza, da humanidade de quem intervém. Uma criança pode ter direitos escritos, mas precisa de adultos capazes de os transformar em tempo, presença, cuidado e consequência. Há direitos que parecem evidentes até ao momento em que falham. É o caso do direito a crescer em segurança, o direito a ser ouvida, a brincar, a aprender, a manter vínculos saudáveis, a ser protegida da violência, da negligência, da instrumentalização e dos conflitos dos adultos.

Muitas infâncias acabam empurradas para agendas, disputas, ecrãs, expectativas e pressões que lhes retiram espaço interior. Noutras situações, o problema é mais grave, com a ausência de cuidados, instabilidade familiar, pobreza, abandono emocional, violência direta ou ambientes onde a criança aprende cedo demais a calar. Entre a celebração pública e a vida concreta, há uma distância que só se reduz com responsabilidade continuada.

Assinalar esta data não deve ser apenas repetir que as crianças são o futuro. São também o presente. Estão aqui agora, antes de qualquer promessa. E é nesse agora que se decide muito do que um país é capaz de proteger e construir. 



# A primeira engenheira portuguesa



Maria Amélia Chaves entrou no Instituto Superior Técnico em 1931, com 20 anos, depois de regressar da Índia, onde acompanhara o pai. Deu aulas num colégio para pagar os estudos, escolheu Engenharia Civil quando seria mais previsível seguir outro caminho e licenciou-se em 1937. No ano seguinte, tornou-se a primeira mulher inscrita na Ordem dos Engenheiros.

---

© Instituto Superior Técnico



Na biografia pública de Maria Amélia Chaves há uma palavra que aparece quase sempre: primeira. Primeira mulher a licenciar-se em Engenharia Civil pelo Instituto Superior Técnico. Primeira mulher inscrita na Ordem dos Engenheiros. Primeira engenheira da Câmara Municipal de Lisboa.

Maria Amélia Chaves nasceu em 1911, o mesmo ano da fundação do Técnico. Passou parte da juventude na Índia, acompanhando o pai, então Comandante Militar do Estado Português da Índia, e regressou a Portugal com vontade de estudar. Aos 20 anos, em 1931, entrou no Técnico. Os primeiros anos eram gerais, comuns às várias engenharias. Havia quem esperasse que seguisse Engenharia Química. Escolheu Civil. A Engenharia Civil era obra, terreno, cálculo, estruturas, mas era também um espaço social e profissional quase totalmente masculino. Maria Amélia Chaves entrou nesse mundo pela via da competência demonstrada.

Formou-se em 1937 e inscreveu-se na Ordem dos Engenheiros em 1938. Depois de estagiar com o engenheiro Arantes e Oliveira, entrou para os quadros da Câmara Municipal de Lisboa, onde

iniciou atividade na fiscalização de obras. O seu percurso não se esgotou no valor simbólico de ter sido a primeira. A Ordem dos Engenheiros recorda-a também como a primeira pessoa a desenvolver cálculos antissísmicos aplicados à construção civil em Portugal, área em que apresentou duas comunicações no 1.º Simpósio Antissísmico, em 1955. A sua engenharia estava ligada à segurança, à prevenção, ao risco, ao lado menos visível da construção.

A frase que repetiu em entrevistas continua a dizer muito sobre o tempo em que viveu: “Quando lutamos e sabemos o que fazemos, somos aceites.” Em 2011, no centenário do Instituto Superior Técnico, foi homenageada pela escola onde entrara 80 anos antes. Tinha também ela cem anos. Morreu em 2017, aos 106 anos. Realizou a última obra já perto dos 90, no prédio onde vivia. Talvez esse detalhe diga mais do que muitas palavras solenes. A engenharia, para Maria Amélia Chaves, foi ofício até ao fim.





Na Sessão de Apresentação sobre o Mercado do Biometano em Portugal, abril de 2026 (Foto: Ministério do Ambiente e Energia)

competitividade. A disponibilidade de energia limpa, segura e a preços competitivos, o acesso sustentável a matérias-primas críticas e a capacidade de transformar conhecimento em inovação são hoje determinantes para atrair investimento, criar emprego qualificado e fortalecer a economia nacional. O LNEG tem procurado estar no centro desta transformação, apoiando o Governo, as empresas e os territórios com conhecimento científico independente e orientado para a ação.

**Vivemos numa era em que a tecnologia muda muito rapidamente. Quais são os principais desafios à aceleração da descarbonização da economia em Portugal?**

O principal desafio já não é tecnológico. As soluções existem. O desafio está na velocidade da implementação, na simplificação dos processos, na mobilização do investimento e na qualificação das pessoas. Precisamos também de garantir que a descarbonização reforça simultaneamente a competitividade económica, a segurança energética e a coesão social. A transição energética só será bem-sucedida se for também uma oportunidade de desenvolvimento económico.

**“Construir um futuro mais limpo e melhor” é o objetivo do LNEG. Que projetos está a desenvolver para continuar a impulsionar a Energia e a Geologia?**

O LNEG está envolvido em iniciativas estratégicas nas áreas do hidrogénio renovável, biometano, armazenamento de energia, minerais críticos, economia circular e valorização sustentável dos recursos geológicos nacionais.

Para além da investigação, temos uma missão muito concreta de apoio à competitividade do país. Desenvolvemos conhecimento, infraestruturas e plataformas de informação que ajudam

empresas a inovar, investidores a tomar decisões e decisores públicos a desenhar políticas mais eficazes. Os portais nacionais do hidrogénio, do biometano ou dos recursos geológicos são exemplos de como a ciência pode ser colocada ao serviço do desenvolvimento económico.

O nosso objetivo é que o LNEG funcione cada vez mais como uma ponte entre o conhecimento, a indústria e as políticas públicas, acelerando a criação de valor em Portugal.

**O hidrogénio, o lítio e o biometano representam áreas com grande potencial. Como pode Portugal transformar essa vantagem em desenvolvimento económico e sustentável?**

O primeiro passo é compreender que os recursos, por si só, não geram riqueza. O verdadeiro valor reside na capacidade de desenvolver cadeias de valor completas, desde o conhecimento científico até à indústria e à inovação.

Portugal tem condições excecionais nestas áreas, mas o objetivo não pode limitar-se à produção de matérias-primas ou energia. É necessário criar conhecimento, desenvolver tecnologia, atrair indústria transformadora e formar pessoas altamente qualificadas. É assim que se gera valor acrescentado, exportações e emprego qualificado.

O papel do LNEG é precisamente apoiar esta transformação, fornecendo informação científica credível, reduzindo o risco para os investidores e ajudando a construir políticas públicas que reforcem a autonomia estratégica e a competitividade da economia portuguesa.

**Considera que a Inteligência Artificial (IA) será uma das tendências tecnológicas com maior impacto nos próximos anos?**

Sem dúvida. A Inteligência Artificial terá um impacto comparável ao da eletrificação ou da digitalização em fases anteriores da economia.

No setor da energia e da geologia, permitirá melhorar a previsão da produção renovável, acelerar a descoberta de recursos minerais, apoiar a gestão sustentável do território e aumentar a



Durante a UNECE Resource Management Week 2026, em Paris, abril de 2026



Com Kay Rala Xanana Gusmão, durante a 6.ª Conferência Internacional de Geociências, que decorreu em Timor-Leste, em fevereiro de 2026



Na Portugal Energy Conference 2025, em dezembro de 2025


eficiência dos processos industriais. Isto significa menor custo, maior produtividade e maior competitividade. Os países que conseguirem combinar inteligência artificial, conhecimento científico e capacidade industrial estarão melhor posicionados para liderar a próxima vaga de crescimento económico. É por isso que o investimento em ciência, tecnologia e inovação deve ser visto não como um custo, mas como um investimento estratégico no futuro do país.

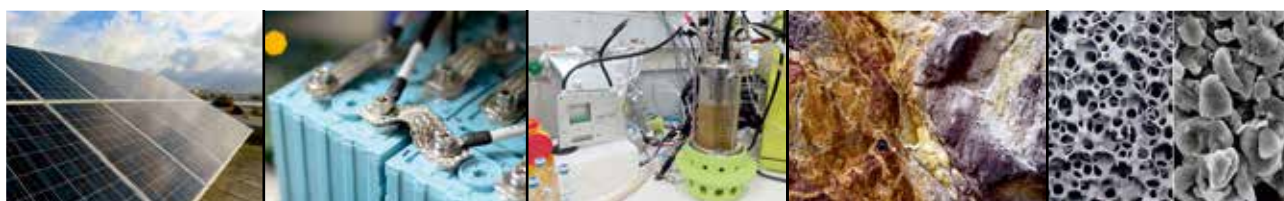
**É uma das mulheres mais reconhecidas neste setor no nosso país. O sucesso trouxe-lhe mais responsabilidade ou mais liberdade para concretizar ideias?**

Diria que trouxe sobretudo mais responsabilidade. Quando ocupamos cargos de liderança, temos a obrigação de criar oportunidades para os outros e de contribuir para o desenvolvimento das instituições e do país. Naturalmente, a experiência também dá maior liberdade para defender ideias e promover mudanças,

mas essa liberdade deve ser sempre acompanhada de sentido de responsabilidade e de compromisso com o interesse público.

**Costuma dizer que os seus maiores desafios passam por mudar mentalidades e não pelo facto de ser mulher. Acredita que as novas gerações já encontram um caminho mais aberto na Ciência e na Engenharia?**

Acredito que o caminho está hoje mais aberto, mas ainda não está concluído. As novas gerações encontram mais oportunidades e modelos de referência do que existiam há algumas décadas. No entanto, continuam a existir desafios relacionados com estereótipos, visibilidade e acesso a posições de decisão. O mais importante é garantir que cada jovem possa desenvolver o seu potencial sem limitações impostas pelo género. A ciência e a engenharia precisam do talento de todas as pessoas. 



LABORATÓRIO NACIONAL DE ENERGIA E GEOLOGIA  
INVESTIGAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE



www.lneg.pt



# Para lá das estatísticas

Portugal tem vindo a melhorar a sua posição nos indicadores europeus de inovação, aproximando-se da média da União Europeia e reforçando sinais positivos em áreas como produção científica, digitalização e investimento empresarial. Mas a inovação que mais conta para as empresas raramente se esgota nos rankings. Mede-se também na capacidade de transformar conhecimento em valor concreto, melhorar processos, qualificar serviços e responder de forma mais eficiente às necessidades do mercado.

No European Innovation Scoreboard 2025, índice anual da Comissão Europeia que avalia o desempenho em investigação e inovação, Portugal subiu do 19.º para o 16.º lugar entre os 27 países da União Europeia, atingindo 90,7% da média europeia. A Grande Lisboa foi classificada como Strong Innovator, sinal de maior dinamismo regional e de consolidação de capacidades ligadas ao conhecimento e à tecnologia.

Mais do que fechar uma leitura, estes dados ajudam a colocar a pergunta no plano certo. Ou seja, onde é que a inovação se transforma em valor económico? Nas empresas, muitas vezes, ela não aparece como rutura tecnológica ou criação de produto de raiz. Surge na reorganização de processos, na melhoria da experiência do cliente, na integração de ferramentas digitais, na redução de desperdício ou na adaptação da oferta a mercados mais exigentes.

Essa leitura é particularmente relevante numa economia onde os serviços continuam a ter grande peso. Turismo, comércio, restauração, consultoria, logística, saúde, tecnologia, educação ou atividades criativas dependem da capacidade de combinar conhecimento, execução e diferenciação. Inovar pode significar aplicar melhor a tecnologia disponível, usar dados com critério, simplificar operações ou tornar mais clara a relação com o cliente. Para uma PME, este caminho é essencial. Uma empresa de turismo que usa dados para ajustar preços e prever procura, uma unidade industrial que automatiza uma etapa crítica ou um operador logístico que reduz tempos de entrega através de melhor planeamento estão a inovar com impacto económico, mesmo sem grande visibilidade pública. Para lá das estatísticas, a inovação ganha sentido quando melhora a forma como se trabalha, se decide e se cria valor. É nesse plano discreto que se joga uma parte importante da modernização da economia portuguesa.

# Uma vida feita de recomeços e de confiança no imobiliário



A vida de Rute Ferreira mudou quando percebeu que a atividade profissional que sustentava a família tinha deixado de ser viável. Em vez de recuar, decidiu recomeçar. Mais de duas décadas depois, é uma referência no setor imobiliário e lidera uma empresa em nome próprio, onde aposta numa abordagem assente na proximidade e na confiança.

---



Quando fala do seu percurso, Rute Ferreira não o descreve como uma sucessão de conquistas, mas antes como uma coleção de desafios que foi superando. A entrada no imobiliário surgiu num momento particularmente delicado da sua vida, depois de a atividade a que se dedicava ter sido afetada pela crise provocada pela gripe das aves. “Os meus filhos estavam a estudar e eu percebi que já não era viável sustentar a família daquela forma”. Foi então que decidiu procurar uma alternativa. Após se ter cruzado com um anúncio à procura de consultores imobiliários, candidatou-se e acabou por iniciar uma carreira que mudaria definitivamente o seu percurso profissional. Durante quatro anos e meio trabalhou numa empresa onde aprendeu os fundamentos da atividade. Mais tarde, foi convidada a participar na criação de uma nova mediadora imobiliária. O desafio surgiu em plena crise económica e exigiu-lhe uma enorme capacidade de adaptação. “Eu não sabia rigorosamente nada do que envolvia abrir uma empresa de mediação”. Ainda assim, avançou.

Os anos seguintes trouxeram algumas das maiores provas da sua resiliência. Em 2012, “um dos períodos mais difíceis para o setor”, vendeu apenas uma casa. Sobreviveu graças aos arrendamentos, à rede de contactos e a uma determinação que sempre a caracterizou. “Muita gente dizia que era o apocalipse. Para mim foi mesmo um ano transformador”. A empresa acabou por resistir quando muitas outras encerraram portas. Mais tarde, Rute Ferreira e um dos colegas decidiram adquirir o negócio e continuar o projeto. Foi o início de uma nova fase de crescimento.

### Uma empresa construída à sua imagem

Depois de quase uma década nessa estrutura, sentiu que tinha chegado o momento de seguir um caminho próprio. Em 2019 tomou uma decisão que muitos consideraram arriscada: sair da empresa que ajudara a construir para criar uma marca com o seu próprio nome. “Aos 52 anos decidi abrir uma empresa com o meu nome. Tinha mais de vinte anos de carreira e as pessoas já conheciam o meu trabalho”.

A nova empresa nasceu oficialmente em janeiro de 2020. Horas depois, o mundo começava a ouvir falar de uma nova ameaça: a pandemia de Covid-19. Para muitos seria um motivo para adiar planos. Para a própria foi apenas mais um obstáculo a ultrapassar. “Eu gosto de tempestades porque é nelas que as coisas acontecem”, diz, entre risos.

A filosofia que procura implementar dentro da empresa assenta numa ideia simples: cooperação. Num setor frequentemente associado a uma competição mais agressiva, acredita que o sucesso pode ser construído de outra forma. “A minha tentativa foi sempre que não fosse um lugar onde as pessoas lutavam entre si pelo dinheiro”. Essa visão reflete-se também na estabilidade da equipa. Vários colaboradores acompanham-na há anos, algo que vê como uma das suas maiores conquistas. “A forma como interagimos uns com os outros faz uma grande diferença, não só nos resultados, mas também na qualidade de vida das pessoas”. Mais do que vender imóveis, procura criar um ambiente onde a responsabilidade, a entreaajuda e o respeito sejam valores permanentes.

### O futuro do imobiliário passa pelas pessoas

Ao longo de mais de vinte anos de atividade, Rute Ferreira assistiu a profundas transformações no mercado. Viu crises financeiras, alterações legislativas, mudanças nos perfis dos compradores e uma crescente digitalização dos processos. Ainda assim, pressupõe que o fator humano continuará a ser determinante. “O mercado está sempre a flutuar. A capacidade de adaptação e de perceber como podemos ajudar as pessoas é verdadeiramente a chave”.

Na sua opinião, a profissão exige hoje competências muito mais amplas do que no passado, pois crê que um profissional imobiliário deve dominar legislação, comunicação, negociação, línguas estrangeiras e inteligência emocional. “Para trabalhar no mercado imobiliário temos de ser extremamente bem preparados”.

Acredita também que o setor está prestes a entrar numa nova fase de transformação, impulsionada pela industrialização da construção e pela crescente influência da inteligência artificial. No entanto, considera que haverá sempre espaço para profissionais capazes de compreender as necessidades das pessoas. “As casas não são apenas paredes. Há toda uma dimensão emocional que é preciso entender”.

Essa atenção ao lado humano do negócio é, aliás, uma das ideias que mais repete ao longo da conversa, refletindo a importância



que lhe atribui no dia a dia. Para a proprietária da “Rute Ferreira - Mediação Imobiliária”, comprar ou vender uma casa continua a ser uma das decisões mais marcantes na vida de qualquer pessoa e merece ser acompanhada com responsabilidade.

A dimensão familiar tem também um peso importante na sua história. Fala com emoção do orgulho que recebeu dos pais ao longo da carreira e do carinho das netas, que acompanham com entusiasmo o seu trabalho. “O meu pai dizia que eu vendia mais casas do que toda uma ‘grande’ empresa”, recorda, sorrindo. “Não era verdade, claro, mas ele tinha um orgulho imenso no meu percurso”.

# Ajudar pessoas a construir novos começos

Sandra Jardim Fernandes é advogada e dedica a sua vida profissional ao Direito da Imigração e do Investimento Estrangeiro. Em 2022, decidiu dar forma ao seu próprio projeto e criou a SJF Immigration & Investments para acompanhar, de forma mais próxima e segura, quem escolhe Portugal para viver, investir ou recomeçar.



À primeira vista, o Direito parecia um destino improvável. Na escola, Sandra Jardim Fernandes revelava uma aptidão natural para as ciências exatas, pelo que a escolha da área de Humanidades chegou a surpreender alguns professores. A verdade é que o fascínio nunca esteve apenas na matemática ou nos números. Existia, desde cedo, uma inquietação maior: a vontade de resolver problemas e encontrar respostas para situações. Uma característica que, mais tarde, se revelaria essencial. “O Direito permitiu-me conciliar as duas vertentes. Queria trabalhar em áreas onde pudesse realmente fazer alguma diferença e construir soluções”, afirma.

Formada pela Universidade Católica Portuguesa em 1990, regressou à Madeira, de onde é natural, numa fase particularmente desafiante para a economia, começando por trabalhar no Direito Imobiliário e Societário.

A crise financeira abalou profundamente o setor imobiliário e muitas empresas, o que resultou no adiamento de projetos e investimentos.

“Rapidamente percebi que não estava apenas a lidar com o setor imobiliário e societário. As pessoas estavam verdadeiramente desesperadas. Havia famílias, histórias, expectativas e sonhos por detrás de cada processo. Percebi que o verdadeiro valor do Direito está na prevenção dos problemas”.

A tomada de consciência da dimensão humana por detrás de cada processo marcou-a e levou-a, em 2013, a enveredar pela área da imigração.

## Uma abordagem à medida de cada família

Através de um amigo, descobriu o Golden Visa, um programa que era ainda pouco conhecido em Portugal. A ligação entre o investimento, o imobiliário e a mobilidade internacional despertou-lhe interesse imediato, abrindo caminho à sua especialização nesta área.

Com o tempo, nasceu a vontade de criar um projeto seu. Em 2022, fundou a SJF Immigration & Investments, por sentir necessidade de ter proximidade com os clientes e participar numa fase mais precoce das suas decisões. “Queria chegar às pessoas antes da escolha estar feita. Perceber quem eram, o que pretendiam e ajudá-las a encontrar o caminho mais adequado”. Hoje em dia, apoia cidadãos que procuram Portugal para residir e investir, ao abrigo de programas como o Golden Visa e os vistos D7, D8 e D2, de várias nacionalidades, sobretudo americanos, e acredita que, independentemente da origem ou cultura, as motivações humanas são surpreendentemente semelhantes.

“As pessoas pensam que estamos a falar de vistos. Na verdade, estamos a falar de transformações de vida. Uns procuram segurança. Outros desejam garantir oportunidades para os filhos. Muitos procuram simplesmente liberdade de escolha. No fundo, todos procuram as mesmas coisas: segurança, oportunidades e qualidade de vida para aqueles que amam”.

## Inspirar como forma de liderança

Ao longo da carreira sempre esteve ligada à coordenação de equipas e ao crescimento de diversos projetos. Ainda assim, nunca se identificou com um modelo de liderança baseado na autoridade.



“Nunca consegui chefiar. Sempre preferi ensinar, formar, explicar uma visão e construir em conjunto, embora goste de inspirar”.

Curiosamente, a maioria dessas equipas é composta por mulheres e a advogada confessa que construí-las continua a ser uma das suas maiores motivações. “Identificar talento e vê-lo crescer é algo que me entusiasma. Admiro a rapidez com que as mulheres identificam os desafios e encontram soluções. Gosto de pensar fora da caixa, de olhar para o futuro e de descobrir, com elas, novas formas de fazer as coisas”.

Por ser mãe de duas filhas e um filho, valoriza a empatia, a escuta e a capacidade de olhar para diferentes pontos de vista.

### **O reencontro interior**

Se a primeira metade da sua vida foi marcada pela procura de resultados, a segunda trouxe-lhe uma nova perspetiva. “Percebi que passava demasiado tempo preocupada com os resultados, com a minha família e muito pouco tempo a confiar em mim. Foi aí que tudo começou a mudar”.

Uma viagem ao Peru, em 2018, tornou-se um marco importante nesse processo. A meditação e o autoconhecimento passaram a fazer parte da sua rotina diária e tornaram-se ferramentas essenciais para enfrentar desafios profissionais e pessoais.

“Não há um dia que não comece com meditação. Para mim, é uma «higiene mental». Ajuda-me a ouvir melhor, a decidir melhor e a estar mais presente”.



Essa serenidade reflete-se também na forma como acompanha os seus clientes.

“Eu trabalho com decisões de vida. Embora o meu trabalho seja frequentemente associado a vistos, autorizações de residência ou enquadramentos legais, aquilo que mais valorizo é a verdade, a autenticidade e genuinidade que transmito”.

### **Portugal visto a partir do mundo**

A advogada é uma presença assídua em conferências internacionais e membro do Investment Migration Council há mais de uma década. “É fundamental perceber o que está a acontecer noutros países, quais são as tendências internacionais e de que forma Portugal se posiciona nesse contexto”, revela.

Este mês, voltará a estar entre os principais nomes da sua profissão, ao participar no Investment Migration Forum 2026 que decorre em Paris e reúne profissionais, especialistas e representantes institucionais de várias partes do mundo para discutir o futuro da mobilidade internacional e dos programas de residência e cidadania.

“É importante ouvir diferentes perspetivas e perceber para onde o mundo está a caminhar. Quanto melhor compreendermos esse contexto, as tendências e os desafios que irão moldar o futuro da imigração, melhor conseguiremos aconselhar quem nos procura”.

# “Por trás de todos estes reconhecimentos, há uma história real”

Vinte anos de Chez Sónia e mais uma distinção nos Prémios Cinco Estrelas Regiões 2026. Sónia Melo volta à IN Corporate com a sua marca consolidada e com a certeza de que o reconhecimento diz muito, mas a persistência que o antecede diz ainda mais.

©Duplo Foco – Fotografia



**Depois de vários reconhecimentos nos últimos anos, que significado particular tem para si esta nova distinção nos Prémios Cinco Estrelas Regiões 2026?**

Tem um significado muito especial, porque este reconhecimento chega numa fase em que sinto que a nossa marca já não é apenas um projeto em crescimento, mas uma marca com caminho feito, identidade própria e uma ligação muito forte às pessoas. Este ano celebramos 20 anos de Chez Sónia, e sinto que esta distinção acaba por refletir muito desse percurso: a consistência, a dedicação e a forma de receber. Os Prémios Cinco Estrelas Regiões têm uma importância particular por valorizarem aquilo que nasce e se afirma a partir de cada região. No meu caso, receber esta

distinção nos Açores é também sentir que o meu trabalho, a minha forma de receber e a minha cozinha continuam a fazer sentido para quem vive e visita este território.

**Sente que este novo prémio confirma uma fase de maior maturidade do projeto, mais do que apenas acrescentar mais uma distinção ao percurso?**

Sim, absolutamente. Mais do que somar mais um prémio, sinto que esta distinção confirma uma fase de maior consolidação. O Chez Sónia tem crescido sem perder a sua escala humana, e isso é muito importante para mim. Cada reconhecimento mostra que é possível construir uma marca com consistência, sem deixar de respeitar o tempo e a essência do projeto. Não encaro os reconhecimentos como um ponto de chegada, mas como sinais de que o caminho escolhido tem sido coerente.

**O prémio volta a colocar em evidência a relação entre gastronomia, território e experiência. Algo que tem muito que ver com a identidade do Chez Sónia, certo?**

Exatamente. O Chez Sónia vive dessa relação entre a gastronomia, o território e a experiência. Para mim, cozinhar nos Açores não é apenas usar produtos locais; é contar uma história através deles. É levar para a mesa o ananás, o chá, os laticínios, o peixe, as ervas, os doces tradicionais, mas também a paisagem, a hospitalidade e a forma açoriana de receber. O cliente não procura apenas uma refeição. Procura um momento, uma memória e uma ligação ao lugar onde está.

**Nos últimos anos, tem falado de autenticidade, raízes gastronómicas, produtos locais e capacidade de dar novo fôlego à tradição. Esse equilíbrio tornou-se mais exigente à medida que o seu projeto ganhou notoriedade?**

Tornou-se mais exigente, sim, porque a notoriedade traz uma maior atenção sobre aquilo que fazemos. Mas essa exigência também é positiva. Obriga-nos a pensar melhor, a respeitar ainda mais os ingredientes e a tradição, e a encontrar formas de inovar sem descaracterizar. Para mim, dar novo fôlego à tradição não é transformá-la ao ponto de a tornar irreconhecível; é valorizá-la com outro olhar, outra apresentação e outra sensibilidade. A autenticidade continua a ser o ponto de partida.



~  
**“O Chez Sónia nasceu de uma necessidade, de uma paixão e de uma vontade muito grande de construir algo com verdade”**  
 ~

**O reconhecimento dos consumidores tem sido uma constante nas distinções recentes do Chez Sónia. Sente que essa validação traz mais responsabilidade ao seu trabalho?**

Sem dúvida. Quando um reconhecimento vem dos consumidores, tem um peso emocional muito grande. Significa que aquilo que fazemos é sentido por quem vive a experiência. Essa validação traz orgulho, mas também uma responsabilidade acrescida. Cada cliente chega com expectativas, e eu sinto que tenho de honrar não só o prémio, mas sobretudo a confiança que depositam em mim. No fundo, é uma responsabilidade bonita: continuar a receber bem, a cozinhar com verdade e a criar momentos memoráveis.

**A Sónia já afirmou que “a essência do Chez Sónia será sempre a mesma”. Perante o crescimento, os prémios e a maior exposição pública, como se preserva essa essência?**


Preserva-se tomando decisões conscientes. O crescimento pode trazer muitas oportunidades, mas nem todas fazem sentido. Eu tenho aprendido a perceber o que está alinhado com a nossa marca e o que poderia afastar-me daquilo que sou. A essência preserva-se na proximidade com o cliente, na atenção ao detalhe, na escolha dos produtos, na forma como recebo e até na forma como digo “não” quando sinto que algo não respeita o projeto. Quero crescer, sim, mas não crescer por crescer.



**Depois de várias entrevistas em que falámos de percurso, empreendedorismo, cozinha, território e prémios, que dimensão sua sente que ainda não foi totalmente contada?**

Talvez a dimensão mais íntima e mais humana. Muitas vezes fala-se dos prémios, da televisão, das entrevistas, dos eventos e do empreendedorismo, mas há uma parte silenciosa que sustenta tudo isso: a persistência, as dúvidas, o cansaço, a disciplina e a coragem de continuar. O Chez Sónia não nasceu de uma estratégia perfeita. Nasceu de uma necessidade, de uma paixão e de uma vontade muito grande de construir algo com verdade. Essa parte, difícil de explicar, mais vulnerável e mais real, talvez ainda esteja por contar com mais profundidade.

**Que imagem gostaria que estas páginas deixassem da Sónia Melo e do Chez Sónia neste momento concreto do seu percurso?**

Gostaria que deixassem a imagem de uma marca que, apesar de ter nascido por acaso, foi com consistência, e sem nunca perder a alma. De uma mulher que construiu o seu caminho passo a passo, com trabalho, resiliência e respeito pelas suas raízes. São 20 anos de caminho que ganham expressão, se consolidam e que se refletem em reconhecimentos. Neste momento, o Chez Sónia representa maturidade, confiança e reconhecimento, mas continua a ser, acima de tudo, uma forma muito pessoal de receber à mesa. A minha essência. Nada mais. Gostava que quem lesse esta entrevista sentisse isso: que por trás de todos estes reconhecimentos, há uma história real, feita de pessoas, território, memória e muita dedicação. 

# “Vejo o meu papel como o de alguém que cria pontes”

Há cinco anos na Fundação Benjamim Dias Costa, Alexandra Dias conhece por dentro o peso de uma instituição com quase seis décadas de história. A diretora de serviços assume uma função feita de ligação permanente, entre “a direção e as equipas, entre a instituição e as famílias, entre a tradição e a inovação”. É nesse trabalho menos visível que o legado da Fundação ganha forma todos os dias.



“A proximidade, a solidariedade e o compromisso com a educação e o desenvolvimento das crianças”

**Antes de falarmos da Fundação, gostava de começar pela Alexandra Dias. Que percurso a trouxe até aqui e que parte desse caminho mais influencia a forma como exerce hoje as suas funções?**

O meu percurso tem sido marcado pelo trabalho próximo das pessoas, das famílias e das equipas. Ao longo dos anos fui adquirindo experiência em diferentes áreas da intervenção social e educativa, o que me permitiu desenvolver uma visão abrangente das necessidades das crianças e da comunidade. Aquilo que mais influencia a minha forma de trabalhar é a convicção de que cada decisão deve ter como ponto de partida o bem-estar das pessoas que servimos, sem perder o rigor e a responsabilidade que uma instituição desta dimensão exige. Na Fundação Benjamim Dias Costa completei cinco anos de colaboração em janeiro, um período que me proporcionou um conhecimento aprofundado da instituição, da sua história, das suas equipas e das famílias que acompanha. A experiência que mais influencia a forma como desempenho a minha função reside precisamente na consciência de que, por detrás de cada decisão, existem crianças, famílias e profissionais que depositam em nós a sua confiança. Esta realidade exige uma liderança pautada pela responsabilidade, proximidade e visão estratégica de futuro.

**A Fundação Benjamim Dias Costa existe há mais de cinquenta anos. Uma casa com esta história molda quem a serve, mas também é transformada por quem a conduz no dia a dia. Como descreve essa relação?**

Trabalhar numa instituição com quase sessenta anos de história é, simultaneamente, um privilégio e uma responsabilidade. A Fundação Benjamim Dias Costa possui uma identidade muito própria, construída ao longo de décadas de serviço à comunidade, e essa herança influencia naturalmente a forma como desempenhamos as nossas funções. Contudo, esta é também uma relação dinâmica. As instituições são feitas de pessoas e evoluem com elas. Cada colaborador, cada equipa e cada liderança deixa o seu contributo, introduzindo novas ideias, novas respostas e novas formas de enfrentar os desafios de cada época. Vejo esta

relação como um equilíbrio entre preservar os valores fundadores da Fundação — a proximidade, a solidariedade e o compromisso com a educação e o desenvolvimento das crianças — e assegurar a sua capacidade de inovação e adaptação às necessidades atuais das famílias e da comunidade.

Mais do que gerir uma instituição com história, sinto que temos a responsabilidade de honrar esse legado, garantindo que continua vivo, relevante e preparado para o futuro.

**A Fundação nasceu da iniciativa de um industrial que quis garantir educação às crianças dos seus operários. Mais de cinquenta anos depois, o que é que esse gesto fundador ainda exige de si, em termos concretos e não apenas simbólicos?**

Exige-nos responsabilidade e coerência. Significa assegurar que continuamos a oferecer respostas educativas e sociais de qualidade, acessíveis às famílias e centradas nas necessidades das crianças. Exige também uma gestão rigorosa dos recursos, para que possamos honrar o legado recebido e garantir que a Fundação continua a cumprir a sua missão nas próximas décadas. Para mim, honrar o legado da família Dias Costa não é apenas preservar uma história; é assegurar que os valores que deram origem à Fundação continuam presentes nas decisões que tomamos diariamente e no impacto que procuramos ter na vida das crianças, das famílias e da comunidade.

**Como define o seu papel enquanto Diretora de Serviços numa instituição onde se cruzam educação, apoio social, gestão de equipas, relação com famílias e responsabilidade comunitária?**

Vejo o meu papel como o de alguém que cria pontes. Entre a direção e as equipas, entre a instituição e as famílias, entre a tradição e a inovação. Defino o meu papel como uma função de articulação, liderança e compromisso. Numa instituição com a dimensão e a diversidade de respostas da Fundação Benjamim Dias Costa, é fundamental garantir que todas estas áreas trabalham de forma integrada, partilhando os mesmos objetivos e a mesma visão de serviço à comunidade.

Enquanto Diretora de Serviços, procuro criar as condições necessárias para que as equipas possam desenvolver o seu trabalho com qualidade, motivação e sentido de pertença. Ao mesmo tempo, mantenho uma proximidade constante com as famílias, procurando compreender as suas necessidades e assegurar que encontram na Fundação um parceiro de confiança no acompanhamento e desenvolvimento dos seus filhos.

**Cuidar de crianças muito pequenas exige um perfil de equipa difícil de encontrar e ainda mais difícil de manter. O que procura nas pessoas que contrata e o que é que essas pessoas têm de encontrar na sua liderança para ficarem?**

Procuro profissionais competentes, mas acima de tudo pessoas com sensibilidade humana, capacidade de empatia e verdadeiro gosto por trabalhar com crianças. As competências técnicas são fundamentais, mas a atitude faz toda a diferença. Em contrapartida, acredito que as equipas precisam de encontrar

uma liderança próxima, disponível para ouvir, apoiar e valorizar o seu trabalho. As pessoas permanecem onde sentem que o seu contributo é reconhecido e respeitado.

**As famílias chegam hoje às instituições educativas e sociais com novas expectativas, novas pressões e, muitas vezes, novas fragilidades. Que mudanças sente nas famílias que procuram a Fundação?**


As famílias enfrentam atualmente desafios muito exigentes, desde a conciliação entre a vida profissional e familiar até às questões económicas e emocionais. Notamos uma maior procura de apoio, orientação e confiança. As famílias valorizam cada vez mais a qualidade dos serviços, a comunicação transparente e a parceria com a instituição na educação dos seus filhos.

**Uma instituição com esta natureza vive num equilíbrio permanente entre missão social, exigência técnica, acordos de cooperação, participações e sustentabilidade própria. Onde sente mais fragilidade nesse equilíbrio?**

O maior desafio é garantir sustentabilidade sem comprometer a missão social. As exigências legais e técnicas são cada vez maiores e implicam investimentos constantes em recursos humanos, instalações e formação. O desafio está em manter elevados padrões de qualidade e, simultaneamente, assegurar que os serviços continuam acessíveis às famílias e financeiramente sustentáveis para a instituição.

**Quando olha para o futuro da Fundação Benjamim Dias Costa, que continuidade considera essencial preservar e que marca gostaria de deixar?**

A continuidade que considero absolutamente essencial preservar é a fidelidade à missão que esteve na origem da Fundação: colocar as pessoas no centro da sua ação. Ao longo de mais de cinquenta anos, a Fundação conquistou a confiança de gerações de famílias através da proximidade, do cuidado e da qualidade das suas respostas. Esse património humano é o seu bem mais valioso e deve continuar a ser a sua principal marca distintiva. Quanto ao futuro, acredito que as instituições sociais têm de ser capazes de evoluir sem perder a sua identidade. Os desafios são hoje diferentes dos que existiam há décadas, e exigem inovação, capacidade de adaptação e uma visão estratégica sólida. O meu desejo é contribuir para que a Fundação continue a crescer de forma sustentável, mantendo-se uma referência na educação, na intervenção social e no apoio às famílias.

Se puder deixar uma marca, gostaria que fosse a de ter ajudado a fortalecer uma cultura de excelência, proximidade e confiança. Que as equipas sintam orgulho em trabalhar aqui, que as famílias continuem a reconhecer a Fundação como um lugar seguro e de referência, e que as crianças que por cá passam levem consigo memórias felizes e bases sólidas para construírem o seu futuro. No final, é esse impacto na vida das pessoas que verdadeiramente define o sucesso de uma instituição como a nossa. 

# Tendências das férias de verão dos portugueses

O Algarve continua a ser a principal referência das férias dos portugueses, mas os sinais para o verão de 2026 apontam para uma procura mais partilhada e menos concentrada nos destinos tradicionais. A costa alentejana ganha força, o turismo rural mantém apelo junto de famílias e grupos de amigos, e as viagens associadas a atividades como o surf ou o golfe vão ganhando relevância.


De acordo com dados divulgados pela Airbnb, relativos a pesquisas e reservas efetuadas no primeiro trimestre de 2026 para estadias entre 21 de junho e 22 de setembro, os hábitos de férias dos portugueses continuam a evoluir. Portimão mantém a liderança entre os destinos nacionais mais procurados, confirmando o peso do Algarve, mas Odemira e Porto Covo surgem em destaque na costa alentejana, ao lado de Olhos de Água e Tavira.

A tendência não aponta para uma substituição simples do Algarve. Mostra antes um alargamento do mapa de férias. A procura por praias menos urbanizadas, alojamentos com mais espaço, estadias em grupo e maior contacto com a natureza ajuda a explicar o crescimento de destinos que combinam costa, paisagem e uma relação mais tranquila com o território.

As viagens partilhadas são um dos sinais mais claros desta evolução. As reservas para grupos aumentaram 28% e as reservas familiares cresceram 24%, segundo os dados da plataforma. Casas maiores, estadias com amigos e férias intergeracionais ganham relevância num contexto em que o custo da viagem, o conforto e a possibilidade de partilhar despesas pesam cada vez mais na decisão.

O turismo rural acompanha essa mudança. Odemira, Alcobça e Terras de Bouro na serra do Gerês aparecem entre os destinos rurais em destaque, reforçando a procura por lugares com menor densidade urbana, natureza próxima e capacidade para acolher famílias ou grupos. A ideia de férias deixa assim de estar presa apenas ao alojamento junto à praia e passa a integrar espaço, privacidade e ritmo mais lento.

Também as férias com atividade ganham terreno. Vila do Conde, Figueira da Foz e Ponta Delgada surgem entre os destinos portugueses em destaque junto a zonas de surf, enquanto o golfe mantém peso no Algarve e na Madeira.

Fora de Portugal, as reservas internacionais cresceram 28%, acima do aumento registado nas viagens domésticas, que se situou nos 25%. Madrid, Londres e Sevilha destacam-se entre os destinos com maior crescimento junto dos viajantes portugueses, confirmando o peso das escapadinhas urbanas e da proximidade europeia. 

*Praia da Ilha do Pessegueiro - Porto Covo*



# A solução energética adaptada ao consumo

Num mercado cada vez mais competitivo, a Huaca Energy procura distinguir-se pela proximidade ao cliente, pelo rigor técnico e por uma abordagem integrada à gestão de energia. Para Fábio Oliveira, fundador da empresa, o futuro da transição energética em Portugal dependerá menos da produção renovável e mais da capacidade de armazenamento e modernização da rede elétrica.



## Se tivesse de explicar a alguém de fora do setor o que a Huaca Energy realmente faz, como o descreveria?

A Huaca não é apenas uma empresa de prestação de serviços e de instalação de painéis fotovoltaicos, na realidade o que nós oferecemos vai um pouco mais além, com a integração de vários sistemas, como a mobilidade elétrica, serviços gerais de eletricidade, e serviços de manutenção/limpeza de painéis. Depois, na minha opinião, o que nos distingue, é o cuidado que temos no momento da instalação, os nossos técnicos não têm a pressão de acabar a obra no próprio dia, mas sim de deixar a instalação com rigor técnico e o menos invasiva possível, ficando assim algo bonito e com qualidade.

## O que foi mais difícil de adaptar na prática: a tecnologia, o mercado ou a forma como os clientes percebem a energia solar?

Na minha opinião, sem dúvida o mercado. Sabemos que a tecnologia está em constante evolução, cada vez mais rápido surgem novas tecnologias e temos de saber acompanhar, não só nesta área, mas no geral. O entendimento relativamente à energia solar, é algo que conseguimos combater com informação e conhecimento acerca do assunto, estamos sempre disponíveis para esclarecer qualquer dúvida ou questão que possa surgir. Já o mercado foi o mais difícil de adaptar, somos uma empresa nova, apesar da experiência que já temos dentro desta área, entrar num momento do mercado tão agressivo tornou as coisas mais desafiantes, e conseguir ter um crescimento sustentável garantindo os nossos padrões de qualidade exige da nossa parte muita dedicação, esforço e alegria no que fazemos.

## O que gostaria que um cliente dissesse sobre a Huaca Energy depois de trabalhar convosco?

Felizmente, sinto que recebo diariamente bons *feedbacks* relativamente ao nosso trabalho, por vezes surgem problemas, mas como somos experientes no fotovoltaico e lidamos diariamente com os equipamentos, conseguimos dar uma resposta pronta e eficiente. O nosso objetivo é ter o cliente satisfeito, e o facto de mantermos a instalação dos nossos

clientes em constante monitorização permite-nos estar mais presentes, e penso que isso tem ajudado a construir a nossa imagem de confiança, qualidade e segurança.

### **No terreno, o que considera ainda estar a travar mais a adoção de soluções de energia renovável em Portugal?**

O elevado investimento inicial para as soluções com armazenamento, num país com a desigualdade financeira em que vivemos, torna muito difícil o acesso a estas soluções para muitas pessoas. Por isso, criámos soluções e adaptamos a instalação de uma forma que viabilize sempre uma futura expansão do sistema, permitindo fazer o investimento faseadamente.


### **Há algum mito ou ideia errada sobre energia solar que ainda encontra frequentemente em clientes ou no mercado e que gostaria de desmistificar?**

Não basta pôr painéis para poupar. Vemos muitas pessoas cétricas em relação à produção de energia fotovoltaica, muitas vezes porque fazem o investimento sem estar ajustado à sua realidade, nem ajustam os hábitos de consumo conforme a produção, perdendo assim o máximo de proveito que poderiam obter do sistema. E é aí que entramos, ajudamos cada cliente a ajustar tanto o investimento certo para o momento, como a criar hábitos de consumo de forma a obter o melhor rendimento.

### **A transição energética está a acelerar, mas nem sempre de forma linear. Onde sente que Portugal está a avançar bem e onde ainda está claramente atrasado?**

Neste momento, Portugal está num bom ritmo na transição energética. Somos um dos líderes mundiais de produção de energia de fonte renovável, o que nos traz outros problemas que advêm da evolução, onde destaco a necessidade do aumento da capacidade de armazenamento e o melhoramento e modernização da rede elétrica, sem investimento nestas áreas corremos o risco de desacelerar por incapacidade de suporte físico. Por isso, temos soluções com baterias, que depois de analisarmos o perfil de consumo, recomendamos a capacidade de produção e armazenamento indicados.

### **Quando pensa no futuro do setor, o que lhe parece mais transformador nos próximos anos?**

O futuro do setor passará pela integração com várias tecnologias, já não se trata apenas de colocar painéis, mas sim de modernizar e melhorar a eficiência do material e a forma como a energia é integrada na rede. Precisamos de aumentar a capacidade de criação de comunidades energéticas e de conseguir aproveitar ao máximo a área urbana disponível, para que, deste modo, nos seja possível chegar a mais pessoas. 



## Huaca Energy

DO SOL PARA SI

# Soluções de energia para casa e empresa

**Painéis solares, carregadores elétricos e serviços de eletricista com análise técnica, instalação e acompanhamento ajustados ao seu consumo.**



Telefone: +351 922 213 490 Email: geral@huacaenergy.pt IG: huacaenergy.pt

[www.huacaenergy.pt](http://www.huacaenergy.pt)

# Borges regressa às livrarias pela arte breve dos prólogos

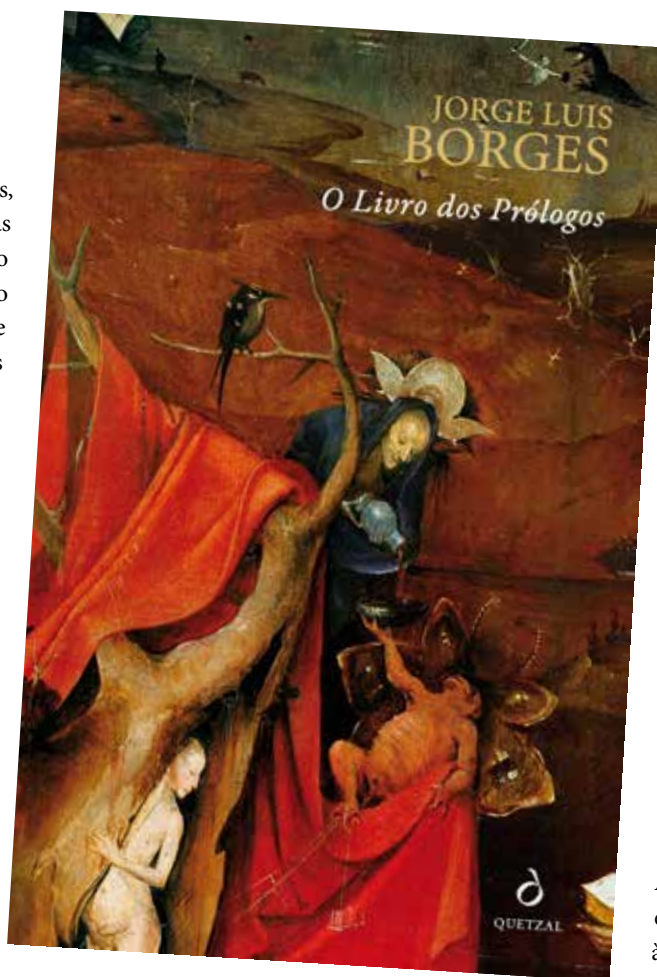
No ano em que se assinalam os 40 anos da morte de Jorge Luis Borges, a Quetzal publica pela primeira vez, num só volume, *O Livro dos Prólogos*. A obra reúne textos escritos entre 1923 e 1974 e recupera uma dimensão essencial do autor argentino, para quem a literatura, a crítica e o ensaio nunca foram territórios estanques, mas formas sucessivas de entrar na grande biblioteca do mundo.

Com tradução de Jorge Melícias, *O Livro dos Prólogos* chegou às livrarias a 3 de junho e inclui o “Prólogo dos Prólogos”, texto em que Borges reflete sobre uma forma literária muitas vezes vista como marginal, mas que, nas suas mãos, se torna pensamento, leitura e criação. “Que eu saiba, ninguém formulou até agora uma teoria do prólogo”, escreve o autor, dando ao género uma espessura própria e retirando-o do lugar meramente introdutório.

A edição reúne prólogos dispersos ao longo de mais de cinco décadas, revelando Borges no diálogo com alguns dos grandes nomes da literatura universal. Cervantes, Walt Whitman, Paul Valéry, Lewis Carroll, Kafka, Shakespeare e Melville


atravessam estas páginas, não como referências decorativas, mas como presenças convocadas por uma inteligência crítica que transforma cada aproximação num pequeno ensaio sobre a literatura, o tempo e a memória.

No texto de abertura, escrito em 1974, Borges observa que “o prólogo, quando os astros são favoráveis, não é uma forma



subalterna do brinde; é uma espécie lateral de crítica”. A frase ajuda a enquadrar o livro e o próprio lugar do escritor argentino na literatura do século XX. Um autor que fez da ficção um labirinto de ideias e da crítica uma extensão natural da imaginação.

Nascido em Buenos Aires, em 1899, e falecido em Genebra, em 14 de junho de 1986, Jorge Luis Borges publicou o seu primeiro livro em 1923, mas o reconhecimento internacional consolidou-se em 1961, com o Prémio Formentor, que partilhou com Samuel Beckett. Poeta, ficcionista, ensaísta, crítico e professor de literatura, dirigiu ainda a Biblioteca Nacional de Buenos Aires entre 1955 e 1973. A nova edição da Quetzal dá continuidade à série de capas retiradas do tríptico *As Tentações de Santo Antão*, de Hieronymus Bosch, exposto no

Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa. Com 312 páginas, *O Livro dos Prólogos* integra o catálogo da editora numa altura em que a obra de Borges volta a ser evocada enquanto uma das construções literárias mais influentes do século XX. 



**casaparasi**



**SANDRA LOPES 962 191 370**

**[WWW.CASAPARASI.COM](http://WWW.CASAPARASI.COM)**

RUA CONDES DA TORRE, 5 R/C LOJA B • PONTE DE SOR  
[geral@casaparasi.com](mailto:geral@casaparasi.com)



# Rute Ferreira

MEDIAÇÃO IMOBILIÁRIA • REAL ESTATE

AMI 17418



## A chave para todas as soluções imobiliárias!



[www.ruteferreira.pt](http://www.ruteferreira.pt)

**Morada:** Praceta, R. Vítor Cesário da Fonseca Loja 1A, 2560-689 Torres Vedras

**Contactos:** (+351) 261 322 242 / (+351) 915 854 617